

## A Origem do Mênstruo

Bernardo Guimarães

*De uma fábula inédita de Ovídio, achada nas escavações de Pompéia e vertida em latim vulgar por Simão de Nuntua.*

Stava Vênus gentil junto da fonte  
fazendo o seu pentelho,  
com todo o jeito, pra que não ferisse  
das cricas o aparelho.

Tinha que dar o cu naquela noite  
ao grande pai Anquises,  
o qual, com ela, se não mente a fama,  
passou dias felizes...

Rapava bem o cu, pois resolvia  
na mente altas idéias:  
— ia gerar naquela heróica foda  
o grande e pio Enéias.

Mas a navalha tinha o fio rombo,  
e a deusa, que gemia,  
arrancava os pentelhos e, peidando,  
caretas mil fazia!

Nesse entretanto, a ninfa Galatéia,  
acaso ali passava,  
e vendo a deusa assim tão agachada,  
julgou que ela cagava...

Essa ninfeta travessa e petulante  
era de gênio mau,  
e por pregar um susto à mãe do Amor  
atira-lhe um calhau...

Vênus se assusta. A Branca mão mimosa  
se agita alvoroçada,  
e no cono lhe prega (oh! caso horrendo!)  
tremenda navalhada.

Da nacarada cona, em sutil fio,  
corre pupúrea veia,  
e nobre sangue do divino cono  
as águas purpureia...

(É fama que quem bebe dessas águas  
jamais perde a tensão  
e é capaz de foder noites e dias,  
até no cu de um cão!)

— "Ora porra" — gritou a deusa irada,  
e nisso o rosto volta...  
E a ninfa, que conter-se não podia,  
uma risada solta.

A travessa menina mal pensava  
que, com tal brincadeira,  
ia ferir a mais mimosa parte  
da deusa regateira...

— "Estou perdida!" - trêmula murmura  
a pobre Galatéia,  
vendo o sangue correr do róscó cono  
da poderosa déia...

Mas era tarde! A Cípria, furibunda,  
por um momento a encara,  
e, após instantes, com severo acento,  
nesse clamor dispara:

"Vê! Que fizeste, desastrada ninfa,  
que crime cometeste!  
Que castigo há no céu, que punir possa  
um crime como este?!"

Assim, por mais de um mês inutilizas  
o vaso das delícias...  
E em que hei de gastar das longas noites  
as horas tão propícias?

Ai! Um mês sem foder! Que atroz suplício...  
Em mísero abandono,  
que é que há de fazer, por tanto tempo,  
este faminto cono?...

Ó Adonis! Ó Júpiter potentes!  
E tu, mavorte invito!  
E tu, Aquiles! Acudi de pronto  
da minha dor ao grito!

Este vaso gentil que eu tencionava  
tornar bem fresco e limpo  
para recreio e divinal regalo  
dos deuses do Alto Olimpo.

Vede seu triste estado, ó! Que esta vida  
em sangue já se esvai-me!  
Ó Deus, se desejais ter foda certa  
vingai-vos e vingai-me!

Ó ninfa, o teu cono sempre atormente  
perpétuas comichões,  
e não aches quem jamais nele queira  
vazar os seus colhões...

Em negra podridão imundos vermes  
roam-te sempre a crica  
e à vista dela sintá-se banzeira  
a mais valente pica!

De eterno esquentamento flagelada,  
verta fétidos jorros,  
que causem tédio e nojo a todo mundo,  
até mesmo aos cachorros!"

Ouviu-lhe estas palavras piedosas  
do Olimpo o Grão-Tonante,  
que em pívia ao sacana do Cupido  
comia nesse instante...

Comovido no íntimo do peito,  
das lástimas que ouviu,  
manda ao menino que, de pronto, acuda

à puta que o pariu...

Ei-lo que, pronto, tange o veloz carro  
de concha alabastrina,  
que quatro aladas porras vão tirando  
na esfera cristalina

Cupido que as conhece e as rédeas bate  
da rápida quadriga,  
co'a voz ora as alenta, ora co'a ponta  
das setas as fustiga.

Já desce aos bosques onde a mãe, aflita,  
em mísera agonia,  
com seu sangue divino o verde musgo  
de púrpura tingia...

No carro a toma e num momento chega  
à olímpica morada,  
onde a turba dos deuses, reunida,  
a espera consternada!

Já Mercúrio de emplastros se a aparelha  
para a venérea chaga,  
feliz porque naquele curativo  
espera certa a paga...

Vulcano, vendo o estado da consorte,  
mil pragas vomitou...  
Marte arranca um suspiro que as abóbadas  
celestes abalou...

Sorriu o furto a ciumenta Juno,  
lembrando o antigo pleito,  
e Palas, orgulhosa lá consigo,  
resmoneou: — "Bem-feito!"

Coube a Apolo lavar dos roxos lírios  
o sangue que escorria,  
e de tesão terrível assaltado,  
conter-se mal podia!

Mas, enquanto se faz o curativo,  
em seus divinos braços,  
Jove sustém a filha, acalentando-a  
com beijos e com abraços.

Depois, subindo ao trono luminoso,  
com carrancudo aspeto,  
e erguendo a voz troante, fundamenta  
e lavra este DECRETO:

— "Suspende, ó filha, os lamentos justos  
por tão atroz delito,  
que no tremendo Livro do Destino  
de há muito estava escrito.

Desse ultraje feroz será vingado  
o teu divino cono,  
e as imprecações que fulminaste  
agora sanciono.

Mas, inda é pouco: — a todas as mulheres

estenda-se o castigo  
para expiar o crime que esta infame  
ousou para contigo...

Para punir tão bárbaro atentado,  
toda humana crica,  
de hoje em diante, lá de tempo em tempo,  
escorra sangue em bica...

E por memória eterna chore sempre  
o cono da mulher,  
com lágrimas de sangue, o caso infando,  
enquanto mundo houver..."

Amém! Amém! com voz atroadora  
os deuses todos urram!  
E os ecos das olímpicas abóbadas,  
Amém! Amém! Sussurram...

**FIM**